



UC/EPCE-2008

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**F-COPES: ESTUDO DE VALIDAÇÃO PARA A
POPULAÇÃO PORTUGUESA**

Carina Ferreira Martins (e-mail: carinamartns@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, sub-área de
especialização em Sistémica, Saúde e Família, sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Alberto

F-COPES: Estudo de validação para a população portuguesa.

Resumo

A ênfase deste trabalho é colocada na descrição das características do F-COPES (Family Crisis Oriented Personal Scales) para a população portuguesa e na melhor compreensão das estratégias de coping internas e externas usadas pelas famílias em situações de crise/stress.

Os resultados obtidos, numa amostra de 372 sujeitos, apresentam boas propriedades psicométricas. Os estudos de validade revelam a não replicação da estrutura factorial do instrumento original de H. McCubbin, D. Olson e A. Larson (1981). Foram identificadas sete dimensões, das quais cinco podem ser utilizadas de forma independente na avaliação de estratégias de coping relacionadas com o reenquadramento, ajuda espiritual, apoio social (relações íntimas e de vizinhança) e mobilização de apoio formal.

PALAVRAS-CHAVE: crise, stress, *coping*, estratégias internas e externas de *coping*.

F-COPES: Validation study for portuguese population.

Abstract

The following work emphasises the description of the F-COPES (Family Crisis Oriented Personal Scales) characteristics for the portuguese population, and the best understanding of the internal and external coping strategies used by families in crisis/stress situations.

The results, obtained in a sample of 372 subjects, present good psychometric properties. The validity studies reveal the non-replication of the factorial structure of the original instrument of H. McCubbin, D. Olson and A. Larson (1981). There were identified seven dimensions, in which five can be independently used in the evaluation of coping strategies related to reframing, spiritual support, social support (close and neighbors relations) and formal support mobilization.

KEY WORDS: *crisis, stress, coping, internal and external coping strategies.*

Agradecimentos

Aos meus pais e ao Paulo pelo apoio e encorajamento.
À Doutora Isabel Alberto pela ajuda e constante presença.
À Joana pela partilha.

Índice

Introdução	1
1 – Enquadramento conceptual	1
2 – Objectivos	9
3 – Metodologia	9
4 – Apresentação e Discussão de Resultados	11
4.1 – Estudos de Precisão	11
4.2 – Estudos de Validade	14
4.2.1 – Análise da Solução de Sete Factores	16
4.2.2 – Análise da Solução de Cinco Factores	22
4.2.3 - Comparação: solução Sete Factores Vs solução Cinco Factores	27
4.3 – Dados Normativos	28
5 – Conclusões	31
Bibliografia	32
Anexos	35
I Relação Item/Escala Total	35
II Análise de Componentes Principais (7)	36
III Factor 1: Reenquadramento	37
IV Factor 2: Procura de Apoio Espiritual	38
V Factor 3: Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança	39
VI Factor 4: Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas	40
VII Factor 5: Mobilização de Apoio Formal	41
VIII Factor 6: Atitude Passiva	42
IX Factor 7: Avaliação Passiva	43
X Análise de Componentes Principais (5)	45
XI Factor 1: Reenquadramento	46
XII Factor 2: Mobilização familiar para a Aquisição e Aceitação de Ajuda	47
XIII Factor 3: Aquisição de Apoio Social	49
XIV Factor 4: Procura de Apoio Espiritual	50
XV Factor 5: Avaliação Passiva	51
XVI Valores normativos para a escala total	52
XVII Teste T-student, análise da média e da variância quanto ao género	52

Introdução

Em 1958, Hill elabora o *ABC-X Family Crisis Model*, procurando clarificar o processo de adaptação familiar ao stress. No decorrer deste, McCubbin e Patterson (1982) apresentam o *Double ABC-X Model*, focado na dinâmica de ajustamento e adaptação da família a tensões e crises. O F-COPES surge como instrumento de grande relevância ao permitir a identificação das estratégias de coping familiar (internas e externas) mais usuais, e que são determinantes no desenrolar deste processo. Por este motivo se torna pertinente a validação e aferição do inventário para a população portuguesa, recorrendo para isso a estudos de precisão, validação e a dados normativos.

1 – Enquadramento conceptual

As pressões internas e externas a que o sistema familiar está sujeito acarretam variadas fontes de stress que suscitam necessidades próprias e apelam à flexibilidade do sistema em prol da sua adaptação e evolução.

De entre o vasto rol de definições patenteado pela literatura, entende-se por stress a percepção de estímulos que provocam excitação emocional, decorrente da apreciação de inexistência de controlo sobre a circunstância com a qual se é confrontado, e que afecta a homeostase (Margis, Picon, Cosner, & Silveira, 2003; Vaz Serra, 2003). Vaz Serra (2003) afirma que, caso se verifique a ausência de aptidões e recursos pessoais e sociais que permitam ultrapassar as imposições criadas pela condição stressante, a ausência de controlo é efectivamente real. Contudo, se as competências necessárias existirem, mas subjectivamente são entendidas como insuficientes ou incapazes de serem empregadas adequadamente, a ausência de controlo assume um contorno distorcido. Lazarus e Folkman (1984, cit. Street & Rivett, 1996) relacionam o stress com a crença de que as exigências colocadas por um determinado evento irão esgotar ou exceder os recursos existentes para o ultrapassar.

O stress resulta então, de um processo mútuo de interacção que medeia o desequilíbrio e disparidades existentes entre as demandas do meio externo e interno e a percepção do indivíduo/sistema quanto à sua capacidade de reacção (Costa & Leal, 2006; Margis *et al.*, 2003; Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen, & Wilson, 1983). Assim, a interpretação que é feita da circunstância e das exigências que levanta, determina a activação de respostas de stress que combinam aspectos cognitivos, comportamentais e fisiológicos, e que impele a uma brevidade de acção (Costa & Leal, 2006; Margis *et al.*, 2003; Vaz Serra, 2005; Walsh, 1997). Zakir (2001, cit. Sanzovo & Coelho, 2007) associa o desenvolvimento de fortes reacções de stress à intensidade, frequência e duração dos agentes causadores.

A presença de stress desencadeia um processo de mudança que visa corrigir, ou alterar por completo (mudanças de 1ª ou 2ª ordem), padrões de funcionamento ou relacionamento para que um novo estado de equilíbrio

seja atingido (Alarcão, 2002; Relvas, 2004).

O sistema familiar raramente é confrontado por um único acontecimento stressante. A acumulação de tensões pré-existentes contribui para um aumento das exigências colocadas à família e, conseqüentemente, para um acréscimo dos níveis de stress e sensação de mal-estar. Esta dinâmica, que percorre toda a unidade familiar, está ainda presente no impacto que um evento aparentemente insignificante (como a entrada de um filho na escola) pode ter ao desencadear profundas alterações e pressões no sistema, e em como as mudanças individuais têm repercussões ao nível global (Olson *et al.*, 1983; Plunkett, Henry, & Knab, 1999; Relvas, 2004; Sanzovo & Coelho, 2007).

Tanto os acontecimentos de vida normativos ou imprevisíveis, como os externos ou internos, podem potenciar dificuldades que aumentam a tensão familiar e condicionam a forma como são enfrentados.

Minuchin (1979) postula a existência de quatro fontes de stress que podem comprometer o sistema familiar. A primeira, refere-se ao contacto de um membro da família com uma situação de stress extra-familiar (tensões laborais, p.ex.) e, conforme foi anteriormente exposto, o facto de família se constituir com uma totalidade dinâmica faz com que o stress e o mal-estar se repercutam pelos restantes elementos. A segunda condição remete igualmente para uma eventualidade externa mas com a especificidade de esta ser sentida por toda a família (guerra, depressão económica). O stress pode ainda ter origem em questões particulares, que ao serem inesperadas abalam a estrutura familiar (doença crónica). Por último, a própria transição de etapas do ciclo vital, ainda que seja esperada ou normativa, pode originar stress (parentalidade). À excepção desta, todas as restantes causas assumem um carácter de imprevisibilidade (não normativas) tendo por isso um impacto mais abrupto sobre o sistema (Alarcão 2002). Refira-se ainda que ao contrário das duas primeiras fonte de stress cuja origem é externa ao sistema, nas duas últimas vigora a proveniência de stress intra-familiar.

Vaz Serra (2005) analisa os eventos indutores de stress e agrupa-os em sete grandes categorias: a) acontecimentos traumáticos (ameaçam a vida ou segurança do indivíduo - catástrofe natural); b) acontecimentos significativos de vida (pautados por uma súbita ocorrência - morte trágica de um ente querido); c) situações de stress crónico (temáticas delicadas que afectam o quotidiano e interferem no desempenho de papéis - violência conjugal); d) microindutores de stress (acontecimentos diários de pequena amplitude que ao serem constantes e cumulativos provocam stress - barulho provocado pelos vizinhos); e) macroindutores de stress (condições impostas pelo sistema socioeconómico - recessão económica); f) acontecimentos desejados que não ocorrem (aspirações pessoais que não se concretizam ou tardam em acontecer - ser mãe); g) e traumas ocorridos no estágio de desenvolvimento (influenciam negativamente o curso da vida adulta - vítima de maus tratos). A leitura individual feita por Vaz Serra acerca dos factores acima descritos é susceptível de ser transposta para a realidade familiar se atendermos à recursividade e à organização sistémica que caracteriza o relacionamento em família.

Por sua vez, Boss (2001, cit. Olson & DeFrain, 2003) identificou doze tipos de fontes stress partilhados pelos sistemas familiares e que podem aparecer isoladamente ou fazem parte de um contínuo (*pile up*). Quanto à sua natureza, os eventos indutores de stress são encarados como internos (com origem intra-familiar) ou externos (produzidos pelo contexto social envolvente) e normativos ou não-normativos. Relativamente à perceptibilidade com que se apresentam, podem revelar-se ambíguos ou não-ambíguos; volitivos (quando o acontecimento é desejado) ou não-volitivos. Atendendo à duração destes acontecimentos podem ter um início insidioso e perpetuar-se ao longo do tempo (crónicos), ou iniciarem-se subitamente e findarem num curto espaço de tempo (agudos).

O confronto com um acontecimento stressante desencadeia uma primeira avaliação (*primary appraisal*) que determina o modo como a situação vai ser encarada. Assume contornos negativos quando é interpretada como algo de prejudicial que implica perda, ameaça ou desafio e com eles sentimentos de angústia, medo, frustração, ansiedade, conflitos, trauma, etc. (Smith, 1993; Walsh, 1997). Porém, um acontecimento stressante não se constitui necessariamente como uma experiência que cria mal-estar, sendo para isso necessário atender ao contexto em que ocorre, à história de vida familiar, à construção de significados, e à resposta que é dada (McCubbin, 1995; Relvas, 2005; Street & Rivett, 1996). Estes aspectos contribuem para explicar o princípio da multifinalidade de Von Bertalanffy (1986), isto é, como é que um mesmo evento adverso pode conduzir a distintos desfechos nas famílias (Soares, 2000).

De acordo com Smith (1993), Walsh (1997) e Middlebrooks e Audage (2008)¹ a situação perturbadora pode ser positivamente apreciada quando é desejada ou se acredita que terá benefícios, e quando se detém um sentido de controlo sobre ela. Nesta sequência, Smith (1993) considera a existência de dois tipos de stress inerentes a todos os indivíduos: o que deriva do processo desenvolvimental; e o que advém da vivência em família. Ressalta aqui a dimensão familiar de stress e a duplicidade que a exprime: a família enquanto unidade que está sujeita ao stress; e enquanto contexto que contribui para a emergência de stress desenvolvimental.

Após a determinação da valência do evento, é feita uma segunda avaliação (*secondary appraisal*) que procura equacionar se os recursos e estratégias disponíveis vão ao encontro das exigências requeridas. Mediante esta apreciação, são seleccionados os que se parecem revelar mais adequados e eficientes para o problema em questão (McCubbin, 1995; Smith, 1993; Walsh, 1997).

Numa tentativa de melhor compreender a resposta da família a um acontecimento indutor de stress, Hill elabora o *ABC-X Family Crisis Model* (1958, cit. Olson & DeFrain, 2003). De acordo com o modelo, (A)

¹ As autoras fazem referência a três categorias de stress: stress positivo (resulta de experiências adversas de curta duração e contribui para o desenvolvimento do ser humano – ex., frequentar uma nova escola), stress tolerável (deriva de experiências adversas de relativa intensidade e curta duração; pode evoluir num sentido mais ou menos favorável – ex., divórcio) e, stress tóxico (é causado pela grande intensidade e longa duração de situações adversas – ex., maus tratos infantis).

representa o acontecimento stressante, (B) os recursos da família, e (C) o significado atribuído por esta. Estes factores, ao interagirem conjuntamente produzem o efeito (X), designado crise (Olson *et al.* 1983; Olson & DeFrain, 2003). Na perspectiva de Hill (cit. Olson & DeFrain, 2003), a crise revela a inadequação dos padrões vigentes para lidar com uma mudança iminente. Segundo diversos autores (Alarcão 2002; Minuchin, 1979; Relvas, 2004), a crise que se instala pode assumir-se como uma oportunidade de crescimento ou risco de disfuncionamento, caso as flutuações do sistema sejam minimizadas de forma a impedir a sua transformação e consequente evolução.

Partindo da formulação de Hill, McCubbin e Patterson (1982) apresentam o *Double ABC-X Model* à luz do qual, o stress familiar é entendido como um processo dinâmico de ajustamento e adaptação da família a tensões e crises (Smith, 1984; Olson *et al.* 1983).

A singularidade proposta por Hill dá lugar à pluralidade, ou seja, de um único evento gerador de stress passa-se a um aglomerado de fontes de stress (*pile up*). Inclui-se aqui o principal desencadeador, isto é, um acontecimento de vida (normativo/não normativo) que lesa a unidade familiar e que lhe coloca sérias dificuldades e exigências, ao qual se acresce um avolumar de tensões residuais existentes. Esta residualidade que debilita o bem-estar da família pode estar relacionada com transições na vida familiar, dificuldades do quotidiano, com os próprios papéis e funções de cada elemento, contexto social e/ou, derivarem de assuntos pendentes que não tendo sido resolvidos, agravam a tensão existente (Leske & Jiricka 1998; McCubbin, 1995; Olson *et al.*, 1983).

A leitura (*factor cC*) que o sistema familiar faz do desequilíbrio existente entre a percepção do stress/ tensões e suas imposições (*factor aA*) e as competências/ recursos presentes (*factor bB*), influencia o impacto final (*efeito xX*) (Florian & Dangoo, 1994; Smith, 1984).

A necessidade de alcançar um ajuste funcional entre desafios, recursos e a própria unidade familiar, conduz o sistema à mobilização e activação de estratégias internas e externas de *coping*. Estas estratégias detêm um papel fulcral na gestão do stress e desequilíbrio e, por conseguinte, em todo o processo adaptativo (Patterson & Garwick, 1998).

O *coping* é concebido como um processo que deriva da interacção do indivíduo/sistema com o seu ambiente socioecológico (Câmara & Carlotto, 2007). Actua como elemento mediador que toma lugar entre a adversidade e o impacto daí decorrente, sem que com isso se descure a relação intrínseca que liga o *coping* aos efeitos finais (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998).

O *coping* engloba um conjunto de esforços cognitivos, afectivos e comportamentais que, para além de possibilitarem lidar com demandas internas/externas, contribuem para manter ou fortalecer a organização do sistema, as relações familiares e sociais, e para assegurar a estabilidade emocional e o bem-estar de todos os elementos (Antoniazzi *et al.*, 1998; Câmara & Carlotto, 2007; Leske & Jiricka, 1998; Reis & Hepper, 1993). Neste sentido, as estratégias que são empregadas, procuram solucionar o

problema fazendo uso de recursos pessoais e sociais, ao mesmo tempo que tentam esbater as emoções negativas desencadeadas pelo stress. Estas estratégias de *coping* podem centrar-se no problema, nas emoções e na obtenção de apoio social (Antoniuzzi *et al.*, 1998; Santos, Ribeiro & Guimarães 2003; Serra, 2005). As estratégias focadas no problema procuram modificar a situação causadora de stress. Por seu turno, quando se centram sobre as emoções assiste-se a um empenho na regulação do estado emocional. Para Carver e Scheier (1994, *in* Antoniuzzi *et al.*, 1998) ao normalizar a tensão latente, o *coping* focado na emoção facilita o *coping* direccionado para o problema, da mesma forma que este, ao reduzir a ameaça, diminui a tensão emocional. Relativamente às estratégias de *coping* que evidenciam as relações interpessoais, é a procura de apoio na esfera social que se constitui como ponto modal. O uso destas estratégias depende da avaliação que é feita da situação indutora de stress e das características do sistema familiar (Antoniuzzi *et al.*, 1998). O seu sucesso depende, tanto do agente stressor, como dos recursos existentes (Santos *et al.*, 2003).

Olson *et al.* (1983) expõem três noções-chave que percorrem as diversas conceptualizações de *coping*, na literatura: *coping* enquanto processo, nível de eficiência, *coping* individual e/ou familiar. A visão de *coping* enquanto processo realça o seu decurso ao longo da vida, sem um início ou fim demarcado, no qual as estratégias vão sendo progressivamente talhadas e alteradas. Remete para uma decorrência que admite tanto o nível individual como familiar e que incita à mudança e apela à produção de novos comportamentos. Em termos da sua eficácia, aponta para a capacidade das estratégias de *coping* reduzirem o impacto criado pelo evento stressor. No que concerne ao *coping* familiar e/ou individual este aparece como mecanismo indissociável, no sentido em que o primeiro abarca todo o repertório de respostas individuais, que por sua vez estão ratificadas numa base familiar. Por *coping* familiar, entende-se a resposta da família (em concomitância com a etapa do ciclo vital) ao stress, e as interacções intra-familiares e transacções extra-familiares.

Para que o *coping* se converta num processo de conquista de equilíbrio e fomenta o crescimento e desenvolvimento individual e familiar (Olson *et al.*, 1983; Relvas 2004) é necessário uma gestão simultânea de várias componentes da dinâmica familiar que englobam: a comunicação e a organização familiar; a autonomia e a auto-estima dos seus elementos; a manutenção das relações familiares e com a comunidade; a manutenção de esforços que controlem o impacto do acontecimento; e a quantidade de mudanças suscitadas no sistema.

No que diz respeito aos estilos de *coping*, ou seja, às formas habituais de lidar com o stress destacam-se dois tipos de *coping*, um que actua no sentido de minimizar o efeito do acontecimento (*coping* resistente ou passivo) e outro que empreende esforços que visam alcançar um estado de reorganização e adaptação (*coping* adaptativo ou activo) (Olson *et al.*, 1983; Antoniuzzi *et al.*, 1998; Zeidner & Saklofske, 1996). Estes estilos influenciam fortemente o modo como são enfrentadas novas situações. (Antoniuzzi *et al.*, 1998)

Para aceder a este conjunto de meios postos ao dispor da família e compreender como são utilizados em situações de adversidade, McCubbin, Olson e Larsen (1981, cit. McCubbin, Thompson & McCubbin, 1996) desenvolvem o F-COPES – *Family Crises Oriented Personal Evaluation Scales*. Esta escala operacionaliza as noções de “recursos familiares”, proveniente do *ABC-X Model*, e “significado e percepção” da teoria do stress familiar. A construção do F-COPES fica a dever-se ao *Family Coping Inventory (FCI)* e ao *Coping Health Inventory for Parents (CHIP)* (McCubbin *et al.*, 1996).

A tónica é colocada em duas dimensões: padrões/estratégias de *coping* internos, que dizem respeito à utilização dos recursos existentes na própria família e, padrões/estratégias de *coping* externos que se focam no contexto social envolvente (McCubbin *et al.*, 1996).

A idoneidade familiar para redefinir e reenquadrar conjunturas stressantes de forma a torná-las tangíveis (Reenquadramento), inclui-se nas estratégias de *coping* internas (Olson *et al.*, 1983; Olson & DeFrain, 2003). A nova leitura do evento stressante e a construção de significados (ao nível cognitivo, afectivo e motivacional) permitem agilizar a situação, o que confere à família um maior controlo e sentido de coerência (Alarcão, 2002; Barker, 2000; Carrondo, 2006). Antonovsky (1998) defende que a crença na compreensão do problema, leva a que seja entendido como um desafio, suscitando uma selecção das ferramentas consideradas mais apropriadas para a tarefa em questão. A este processo dá o nome de sentido de coerência. Engloba três particularidades que facilitam a selecção de comportamentos e recursos mais eficazes: a capacidade de compreensão (componente cognitiva que se refere ao modo como o acontecimento é assimilado e avaliado); a capacidade de gestão (componente instrumental e comportamental que assenta na percepção dos recursos existentes e adequados às exigências suscitadas); e a capacidade de investimento (componente enérgica que consiste na significação que é dada ao problema e que valida o empreendimento de energia na resolução do mesmo) (Carrondo, 2006).

A aceitação optimista das vicissitudes da vida como parte integrante desta, e o ímpeto da acção presentes no reenquadramento, contrastam vivamente com a segunda estratégia interna de *coping*: a avaliação passiva (Olson *et al.*, 1983). Ao adoptá-la para enfrentar o stress a família, conforma-se à sua actual condição, aceita o problema e minimiza ao máximo a sua atitude face à situação perturbadora (p. ex., crença de que esta se irá resolver por si própria) (McCubbin *et al.*, 1996; Olson *et al.*, 1983; Reis & Hepper 1993). Olson *et al.* (1983) crêem que este tipo de estratégia se constituiu como uma salvaguarda ao emaranhamento e às ilusórias expectativas de controlo que poderão ser criadas para gerir este período de turbulência. Porém, pode reflectir uma falta de confiança da família nas suas competências para enfrentar o stress.

Sejam elas dotadas de um cariz mais activo ou passivo, ambas procuram reduzir os níveis de stress vivenciados, tornar a adversidade com que se confrontam mais admissível e passível de ser lidada e, por último, restaurar o bem-estar familiar. Este mesmo pressuposto rege as estratégias

de *coping* externas, onde as redes sociais de apoio desempenham um importante papel providenciando o apoio emocional (empatia/ressonância emocional), a companhia social (realização conjunta de actividades), a ajuda material e serviços (cooperação de técnicos especializados ou assistência física), o aconselhamento (partilha de informações, acesso a modelos de conduta e função), a regulação ou controlo social (interacções que avivam e reafirmam responsabilidades e papéis) e o acesso a novos contactos (abertura de conexões da rede) (Abreu, 2000; Alarcão, 1998; Sluzki, 1996). As famílias têm mais facilidade em lidar com situações perturbadoras quando estão conectadas a uma rede de apoio e quando a envolvem activamente no processo de *problem solving* (Olson *et al.*, 1983).

Unger e Powell (1980, cit. Olson *et al.*, 1983) consideram que consoante as necessidades sentidas, a família activa diferentes tipos de estratégias: procura de apoio espiritual, aquisição de suporte social e mobilização de apoio formal.

A procura de conforto espiritual ou *coping* religioso-espiritual descreve a forma como a fé (religião, espiritualidade ou crenças pessoais) é utilizada em momentos cruciais para lidar com o stress (Olson *et al.*, 1983; Panzini & Bandeira, 2005; Panzini & Bandeira, 2007). Esta estratégia de *coping* caracteriza-se pela frequência a instituições ou encontros de natureza religiosa, procura de aconselhamento e/ou suporte emocional, actividades privadas ligadas à fé, e pela importância atribuída à religiosidade/espiritualidade².

O recurso às crenças religiosas para auxiliar a compreensão e resolução de problemas e dificuldades, está relacionado com os seguintes aspectos: as crenças religiosas resultam de uma visão do mundo que enquadra e dá significado às experiências vividas; as crenças e práticas religiosas potenciam emoções positivas da mesma forma que abrem espaço para um ventilar de emoções negativas; a existência de rituais que facilitam as transições no ciclo vital da família (ex.: casamento, morte); e à função de agentes de controlo social que desempenham ao actuarem como ponto de referência das normas e comportamentos socialmente aceites fornecendo assim directrizes que estruturam e guiam a família em momentos difíceis (Barros, 2006; Olson *et al.*, 1983; Panzini & Bandeira, 2007).

Ao contribuírem para a manutenção da unidade familiar, para um enaltecimento do sentido da vida e um bem-estar físico e mental, a espiritualidade e a religiosidade reflectem-se na qualidade de vida familiar, estando deste modo associadas a uma maior resiliência e resistência ao stress (Barros, 2006; Olson *et al.*, 1983; Panzini, & Bandeira, 2005).

Na aquisição de suporte social, a rede primária (composta por membros da família alargada, amigos, colegas e vizinhos) assume grande relevância. A dinâmica interaccional e a existência de vínculos de índole

² A respeito desta questão, Barros (2006, p.134) defende que “a espiritualidade não se identifica totalmente com (...) a religiosidade, embora se trate de dimensões próximas, sendo religioso aquele que se sente religado a um ser superior, geralmente dentro de um quadro institucional (Igreja), enquanto um espiritualista pode não admitir propriamente um ser superior nem estar enquadrado institucionalmente.”

afectiva, desprovidos de qualquer formalidade ou obrigação (Abreu, 2000; Gonçalves, 2003; Sluzki, 1996) dotam a rede de uma valência íntima e próxima que propencia uma rápida activação por parte da família em situações de dificuldade.

Importa ainda fazer referência à noção de apoio social, que muitas vezes se confunde com a própria definição de rede social, uma vez que esta se constitui como uma fonte de apoio social. A íntima relação entre estes dois conceitos revela-se na coincidência das suas funções e características, que são elas: o aconselhamento, o apoio emocional e a expressão de sentimentos; a interacção positiva; a confiança; a orientação; o sentimento de pertença; a ajuda instrumental e material; a socialização; e a partilha de actividades (Abreu, 2000). Sarason *et al.* (1990, cit. Smith, 1993) fazem uma incisão clara nas duas realidades, recorrendo aos conceitos de quantidade, presente na rede social (número de relações vinculativas íntimas), e de qualidade, presente no apoio social (em que medida estes vínculos são percebidos como úteis e quão úteis são na realidade).

Poder-se-á dizer que o apoio social comporta uma dimensão mais ampla, incluindo os recursos da rede social, os comportamentos de apoio e as valorizações subjectivas deste apoio (Abreu, 2000; Serra, 2005). Neste sentido, a ênfase é colocada no grau de satisfação resultante da disponibilidade de recursos e da qualidade das funções desempenhas pelos vínculos, e no *feedback* que leva os elementos da família a acreditar que são estimados e que fazem parte de uma rede social com compromissos mútuos. Por último, centra-se na compreensão de apoio social enquanto processo recíproco, que gera efeitos positivos tanto para quem recebe como para quem oferece o apoio, permitindo que ambas as partes tenham uma maior sensação de controlo sobre suas vidas - *empowerment* (Dessen & Braz, 2000).

Os suportes sociais recebidos e percebidos alicerçam o confrontar de situações stressantes e a atenuação do stress físico e mental (Dessen & Braz, 2000).

No que respeita às redes secundárias estas assumem uma posição de destaque ao se revelarem fundamentais na mobilização de apoios formais, ou seja, no acesso a ajuda técnico-profissional (Olson *et al.*, 1983). Esta componente técnica, para além de complementar o apoio proveniente da rede primária, revela-se de extrema importância na eminência de saturação da rede provocado pela vivência de longos períodos tensão.

As redes secundárias compreendem elementos inseridos em instituições e organizações com as quais se estabelecem ligações de carácter formal com objectivos funcionais específicos (Abreu, 2000; Gonçalves 2003). Este tipo de rede visa a criação de um nicho institucional capaz de desencadear e facilitar a evolução do sistema familiar em dificuldades.

As características estruturais, funcionais e as propriedades específicas de cada relação da rede familiar tecem sérias implicações na sua flexibilidade e efectividade, isto é, na facilidade com que a rede é activada e na diversidade de soluções que oferece, repercutindo-se na forma como a unidade familiar enfrenta e gere o stress (Abreu, 2000; Sluzki, 1996).

O F-COPES procura então avaliar em que medida as estratégias de coping apresentadas (reenquadramento, avaliação passiva, procura de apoio espiritual, aquisição de apoio social e mobilização de apoio formal) são utilizadas pela família em situações de crise.

2 – Objectivos

O presente estudo visa a aferição das qualidades psicométricas do F-COPES para a população portuguesa. Neste sentido, procura-se apurar os índices descritivos, de tendência central e de dispersão; o índice de fidelidade da escala e sub-escalas; a identificação de uma estrutura dimensional subjacente à escala, e se é coincidente ou não com a que é proposta pelos autores.

3 – Metodologia

Após o esclarecimento dos objectivos do estudo em causa e dos procedimentos envolventes, solicitou-se a participação voluntária dos interessados, assegurando a confidencialidade e o anonimato das respostas (não se adoptou qualquer critério de exclusão na recolha da amostra). Assim, inserida um projecto de maior amplitude, levado a cabo pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, sobre o stress, *coping* e a qualidade de vida familiar, foi recolhida uma amostra de 507 sujeitos, residentes em Portugal Continental e Insular (Açores). É formada por 346 indivíduos do sexo feminino (68.2%) e 161 do sexo masculino (31.8%), com idades compreendidas entre os 12 e os 88 anos, sendo a média de idade 40.7 ($\sigma = 17.22$).

Desta amostra geral resultou uma outra, de 372 sujeitos, que fundamenta o presente trabalho de validação.

O Quadro 1 expõe as características sócio-demográficas da amostra, completando a descrição que se segue. É constituída 68% de elementos do sexo feminino e 32% do sexo masculino, com uma média de idade de 44.9 anos ($\sigma = 15.4$). Estes elementos são maioritariamente casados e encontram-se na etapa do ciclo vital da Família Lançadora.

O catolicismo assume-se como traço dominante da amostra.

No que diz respeito às habilitações literárias, cerca de 27.4% têm estudos superiores, contrastando com os 5.4% cuja escolaridade é inferior ao quarto ano. Quanto ao nível sócio-económico, mais de metade da amostra possui um nível médio (59.6%). Relativamente ao local de residência, há uma distribuição uniforme dos indivíduos pelos três tipos de áreas (Quadro 1).

Quadro 1 – Características sócio-demográficas da amostra.

Variáveis		N	%
Género	Masculino	119	32,0
	Feminino	253	68,0
Idade	20-30	73	19,6
	31-40	94	25,3
	41-50	92	24,9
	51-60	56	15
	61-70	27	7,3
	71- 80	17	4,6
	>81	13	3,5
Estado Civil	casado	282	75,8
	união de facto	51	13,7
	divorciado	23	6,2
	separado	3	,8
	viúvo	13	3,5
Etapa do ciclo vital	casal sem filhos	63	16,9
	filhos pequenos ou pré-escolar	45	12,1
	filhos idade escolar	51	13,7
	filhos adolescentes	40	10,8
	família lançadora	102	27,4
	família na reforma	3	,8
	ninho vazio	64	17,2
	não se aplica	4	1,1
Religião	não	51	14,0
	sim(católica)	312	86,0
Habilitações literárias	< 4º ano	20	5,4
	4º ano	58	15,6
	6º ano	53	14,3
	9º ano	73	19,7
	12º ano	59	15,9
	ensino médio	27	7,3
	ensino superior	81	21,8
Nível sócio-económico	baixo	110	29,6
	médio	221	59,6
	elevado	40	10,8
Local de residência	predominante/urbano	133	35,8
	mediana/ urbano	130	34,9
	predominante/ rural	109	29,3

A informação que baseia este trabalho deriva da aplicação de três instrumentos, que são abordados de seguida.

- Questionário Demográfico: permite a caracterização da amostra, ao conter dados relativos ao género, idade, estado civil, habilitações literárias, área de residência, nível sócio-económico, entre outros.

- Ficha de Dados Complementares: fornece informações acerca da existência de patologias ou outro tipo de problema; do impacto e gravidade

dessas situações; dos recursos utilizados; do nível de stress e qualidade de vida familiar; e da capacidade de adaptação da família às dificuldades.

- F-COPES (Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família): inventário de auto-resposta, composto por 30 itens, que avalia as estratégias de *coping* internas e externas usualmente utilizadas pela família. A resposta à questão formulada inicialmente (“Quando na nossa família nos confrontamos com problemas ou dificuldades, comportamo-nos da seguinte forma...”), é dada numa escala de tipo Likert que varia do um (“discordo muito”) ao cinco (“concordo muito”).

Este instrumento permite obter dois tipos de resultados: um para cada factor e outro para a totalidade da escala. Quanto mais elevado for o valor da pontuação total, maior a utilização global de estratégias de *coping* (Olson, *et. al.*, 1983).

Neste estudo, foi utilizada a versão portuguesa do F-COPES, traduzida e adaptada por A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira e M. C. Sousa Canavarro, em 1990.

4 – Apresentação e Discussão dos Resultados

A análise estatística dos dados foi realizada através versão 15.0 para Windows do programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences).

4.1. Estudos de Precisão

A fidelidade da escala total foi determinada pelo coeficiente de *alpha* de Cronbach, para o qual se obteve um valor de .846, indicador de uma boa consistência interna (Pestana & Gameiro, 2005). Note-se a semelhança existente entre este resultado e o que caracteriza a versão original da escala, que é de .86 (McCubbin *et. al.*, 1996).

A consistência do instrumento aumentaria ligeiramente se os itens 12 e 28 fossem removidos (Quadro 2). Contudo, sendo os resultados pouco significativos não se consubstancia a eliminação destes itens, evitando assim que relevantes informações para a avaliação das estratégias de *coping* se percam.

Na análise da relação existente entre cada item e a escala total³ (Quadro 2) destaca-se o item 5 (“Procuramos conselhos de parentes próximos”) pela maior correlação que revela com os valores totais da escala, podendo assim ser considerado como o item que melhor representa o instrumento de avaliação em causa. Caso seja eliminado, o *alpha* da escala diminui, o que vem corroborar a ideia anterior. O item 27 (“Procuramos conselhos de um padre”) reúne de igual forma uma boa correlação com a escala, afectando a consistência interna se for excluído. Torna-se visível a forte correlação evidenciada pelos itens, relacionados com a procura de apoio social (5, 2, 16, 25, 10) e com a fé (27, 23, 14), com a totalidade da escala. O item 21 (obtenção de ajuda especializada) e o item 17 (importância do factor sorte na resolução de problemas) precedem os anteriores.

³ Consultar anexo I – Relação Item/ Escala Total.

Quadro 2: Relação item/ escala total

Item	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach*
1. Compartilhamos as nossas dificuldades com os familiares	,405	,840
2. Procuramos o encorajamento e o apoio de amigos	,477	,838
3. Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes	,195	,845
4. Procuramos informações e conselhos de pessoas de outras famílias que passaram por problemas semelhantes	,430	,839
5. Procuramos conselhos de parentes próximos (avós, etc.)	,524	,836
6. Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa	,323	,842
7. Sabemos que a nossa família tem recursos próprios para resolver os nossos problemas	,228	,845
8. Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)	,398	,840
9. Procuramos informação e conselhos junto do médico de família	,406	,840
10. Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos dêem assistência	,451	,838
11. Encaramos os problemas de frente e procuramos soluções de forma activa e rápida	,231	,845
12. Vemos televisão	,171	,848
13. Mostramos que somos fortes	,242	,844
14. Frequentamos a igreja e vamos à missa	,453	,838
15. Aceitamos os acontecimentos perturbadores como parte integrante da vida	,305	,843
16. Partilhamos as nossas preocupações com os amigos íntimos	,474	,838
17. Sabemos que a sorte tem um papel importante na resolução dos nossos problemas familiares	,437	,839
18. Fazemos exercício físico com os amigos para nos mantermos uma boa condição física e reduzir a tensão	,341	,842
19. Aceitamos que as dificuldades acontecem de forma inesperada	,296	,843
20. Convivemos com a família (jantares, encontros, etc.)	,336	,842
21. Procuramos conselho e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares	,447	,838
22. Acreditamos que podemos lidar com os nossos próprios problemas	,247	,844
23. Participamos em actividades religiosas	,465	,838

Quadro 2: Relação item/ escala total (cont.)

Item	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach*
24. Definimos o problema familiar de uma forma mais positiva de maneira a que não nos sintamos demasiado desencorajados	,333	,842
25. Perguntamos aos nossos familiares o que sentem sobre os problemas com que nos defrontamos	,474	,838
26. Sentimos que apesar de tudo o que possamos fazer teremos dificuldade em lidar com os problemas	,287	,843
27. Procuramos o conselho de um padre	,484	,837
28. Acreditamos que se deixarmos passar o tempo o problema desaparecerá	,157	,847
29. Partilhamos os problemas com os nossos vizinhos	,376	,841
30. Temos fé em Deus	,390	,840

* Eliminado o próprio item.

As principais estatísticas descritivas relacionadas com os itens da escala são apresentadas no Quadro 3.

Analisando a distribuição das respostas aos itens constata-se que as médias aritméticas variam entre um valor mínimo de 1.92 (item 27 – “Procuramos o conselho de um padre”) e máximo de 4.09 (item 3 – “Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes”) afastando-se bastante da média dos 30 itens da escala que é de aproximadamente 3 ($\bar{x} = 3.1$), valor este que coincide com o ponto mediano da escala de avaliação. No que concerne à dispersão dos resultados verifica-se que os itens 12 (“Vemos televisão”), 14 (“Frequentamos a igreja e vamos à missa”) e 23 (“Participamos em actividades religiosas”) apresentam uma maior variabilidade de respostas, inversamente ao que acontece com o item 3 (“Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes”).

Quadro 3: Valores estatísticos dos itens da escala

Item	Média	Desvio Padrão
1	3,88	1,045
2	3,71	1,029
3	4,09	,826
4	3,38	,987
5	3,45	1,133
6	2,54	1,200
7	3,61	,980
8	2,27	1,259
9	3,30	1,273

Quadro 3: Valores estatísticos dos itens da escala (cont.)

Item	Média	Desvio Padrão
10	2,31	1,225
11	3,99	,937
12	3,03	1,328
13	3,56	,990
14	2,83	1,335
15	3,31	1,006
16	3,49	1,032
17	2,94	1,091
18	2,50	1,219
19	3,35	,980
20	3,68	1,016
21	2,83	1,181
22	3,80	,879
23	2,62	1,307
24	3,54	,918
25	3,03	1,116
26	3,04	,963
27	1,92	1,118
28	2,06	1,066
29	1,93	1,080
30	3,87	1,258

Pode-se, portanto, considerar que as propriedades da escala relativamente à fidelidade são boas.

4.2. Estudos de Validade

Para o estudo de validade do instrumento recorreu-se ao método estatístico de Análise Factorial.

A questão inicial que se coloca reporta à necessidade de adequação dos dados da amostra à aplicação da análise factorial. A informação proveniente do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett valida a utilização deste procedimento estatístico. O KMO apresenta um bom índice de adequação da amostra, e o teste de Bartlett assume a existência de correlações estatisticamente significativas entre as variáveis que integram a matriz factorial (Quadro 4).

Quadro 4. – KMO e Teste de Bartlett

Kaiser-Meyer-Olkin		,815
medida de adequação da amostra.		
	Aprox. Qui-Quadrado	4074,118
Teste de esfericidade de	df	435
Bartlett	Sig.	,000

A objectivação de uma estrutura dimensional, que sintetize o conjunto

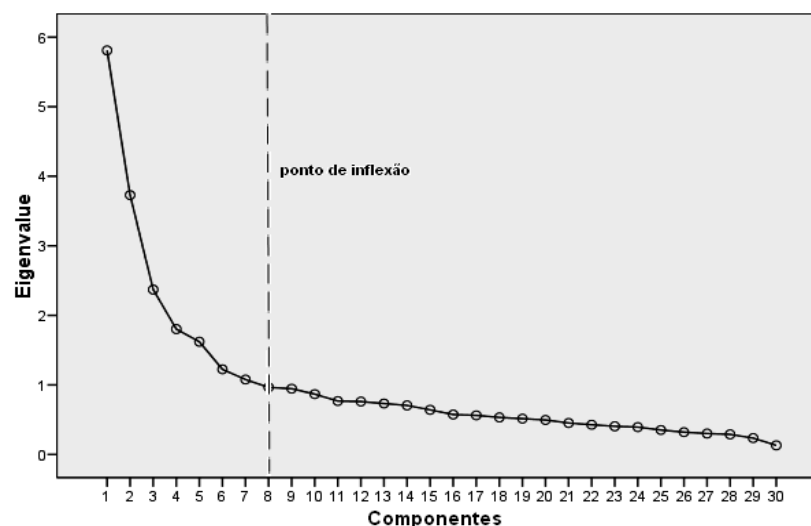
de relações que as variáveis estabelecem entre si, levou à realização de uma análise factorial de componentes principais, seguida de uma rotação varimax. Encontrou-se uma solução de sete factores, com *eigenvalues* superiores a um, e responsável por 58.769% da variância total explicada⁴ (Quadro 5). O gráfico de *scree plot*, assente no critério de Cattell, fornece apoio à solução encontrada (Figura 1).

Os itens têm a sua saturação principal num só componente (à excepção do item 13 e 25, na escala dos sete factores)⁵, tendo-se fixado como limiar de aceitabilidade psicométrica correlações com magnitude acima de .300 (McCrae & Costa, 1994, cit. Lima, 1997; Miguel, 2006) (Quadro 6).

Quadro 5: Total de Variância Explicada (Sete Componentes)

Componentes	Eigenvalues			Rotação da Soma dos Quadrados		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	5,808	19,361	19,361	3,283	10,942	10,942
2	3,729	12,429	31,790	3,015	10,051	20,993
3	2,370	7,899	39,689	2,801	9,337	30,330
4	1,803	6,009	45,698	2,711	9,036	39,366
5	1,620	5,401	51,100	2,422	8,073	47,439
6	1,224	4,079	55,178	1,849	6,162	53,602
7	1,077	3,591	58,769	1,550	5,168	58,769

Figura 1. – Componentes extraídos em função dos *eigenvalues*, com retenção de 7 factores (ponto de inflexão)



⁴ Consultar anexo II – Análise de Componentes Principais (7).

⁵ Consultar anexo II – Análise de Componentes Principais (7).

Quadro 6: Matriz de Rotação dos Sete Componentes.

Item	Componentes						
	1	2	3	4	5	6	7
3	,756						
7	,618						
11	,669						
13	,516					,513	
15	,508						
22	,736						
24	,675						
14		,887					
23		,881					
25		,393		,451			
27		,659					
30		,730					
8			,750				
10			,787				
29			,725				
1				,647			
2				,680			
4				,529			
5				,750			
16				,591			
6					,640		
9					,681		
18					,489		
21					,740		
12						,798	
19						,432	
20						,675	
17							,557
26							,673
28							,675

4.2.1. Análise da Solução de Sete Factores

O Factor 1⁶, cuja consistência interna tem um $\alpha = .785$, explica 10.94% da variância total. Reúne itens que apontam para a (re)definição de situações stressantes, de maneira a capacitar o sistema familiar para melhor lhes responder. Este factor recebe o nome de *Reenquadramento*.

O Quadro 7 mostra a disposição dos itens no factor 1, de acordo com o maior índice de correlação com o total, bem como as estatísticas dos itens e totais do factor.

A análise das medidas de tendência central situa as distribuições das respostas aos itens entre 3.31 (item 15) e 4.09 (item 3), sendo a média de 3.701 ($\sigma = .94$) De notar que a estes valores mínimos e máximos

⁶ Consultar anexo III – Factor 1: Reenquadramento.

correspondem os registos de maior e menor variabilidade de respostas (item 15= 1.006 e item 3= .826). A avaliar pela média alta de cotação das respostas ao item 3 (“Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes”) e pela fraca dispersão evidenciada, poder-se-á concluir que há uma elevada concordância da população de referência com esta questão. Apela à componente de gestão do reenquadramento (Carrondo, 2006), ou seja, à crença nas competências do sistema familiar para lidar e encontrar soluções para os problemas. Por sua vez, a aceitação dos acontecimentos perturbadores como parte integrante da vida (item 15) não reúne a consensualidade da estratégia a anterior. Refira-se ainda que é o item que menos se encontra correlacionado com o total. Embora a sua omissão contribua para o ligeiro aumento da consistência interna, o item será mantido por se considerar que espelha a estratégia de coping interna aqui representada. A aceitação das vicissitudes da vida consciencializa as pessoas para a inevitabilidade das dificuldades, sejam elas internas ou externas ao sistema, esperadas ou inesperadas (Boss 2001, cit. Olson & DeFrain, 2003). Este aspecto de previsibilidade dota a família de um sentido de controlo e coerência que se reflecte na capacidade para reenquadrar um acontecimento stressante, facilitando a sua compreensão e conseqüente gestão e resolução (Carrondo, 2006; Olson *et al.*, 1983).

O item 22 (“Acreditamos que podemos lidar com os nossos próprios problemas”) detém a maior correlação com o total, baixando consideravelmente o *alpha* caso fosse removido.

Quadro 7: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 1.

Factor 1 Reenquadramento	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
22	3,80	,879	,656	,731
3	4,09	,826	,598	,743
24	3,54	,918	,557	,749
11	3,99	,937	,538	,752
7	3,61	,980	,464	,767
13	3,56	,990	,463	,768
15	3,31	1,006	,344	,792
Totais	25,91	4,329	---	,791

*Eliminando o próprio item.

O segundo factor⁷ ($\alpha = .850$) aclara cerca de 10.051% da variância total. Os itens que o compõem avaliam a importância da fé enquanto estratégia de *coping* para lidar com o stress. Por esse motivo o factor recebe a designação de *Procura de Apoio Espiritual*. A informação que o descreve é sumariada no Quadro 8. A sua exploração mostra, em termos de centralidade, uma distribuição mínima das respostas de 1.92 (item 27) e

⁷ Consultar anexo IV – Factor 2: Procura de Apoio Espiritual.

máxima de 3.87 (item 30), com uma média de 2.84 ($\sigma = 1.26$). O resultado do item 30 pode ser explicado pela predominância da religião católica/não católica na amostra inquirida (86%).

Em termos de variabilidade cabe novamente ao item 27 o valor mais baixo e o mais elevado ao item 14 (“Frequentamos a igreja e a missa”). Poder-se-á deduzir pelo valor médio e pela dispersão do item 27 que a procura de aconselhamento junto de entidades religiosas não integra o conjunto de estratégias mais utilizadas na procura de apoio espiritual.

O item 23 é o que melhor representa a sub-escala, quer pela relação com o total quer pela contribuição para o *alpha*. As fortes correlações dos itens com o total manifestam-se numa maior consistência interna do factor. Veja-se ainda que apesar de estar intimamente ligado ao que os autores assumem como *coping* religioso-espiritual (Olson *et al.*, 1983; Panzini & Bandeira, 2005; Panzini & Bandeira, 2007), a correlação item-total mais baixa pertence ao item 30 e a sua exclusão acresce o valor total do *alpha*. O facto deste item compreender uma componente metafísica, contrariamente os restantes três itens que permitirem um maior feedback, já que abarcam dimensões mais concretas/reais (ex., participar em actividades religiosas, procurar o conselho de um padre) e oferecem soluções a curto/médio prazo, pode fundamentar os seus resultados.

A respeito da saturação do item 25 (“Perguntamos aos nossos familiares o que sentem sobre os problemas com que nos defrontamos”) optou-se pela sua não inclusão no factor, dado que diminui o valor do *alpha* para .820 e não se encontra directamente relacionada com o que se pretende avaliar: a procura de apoio espiritual (Quadro 6 e 8).

Quadro 8: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 2.

Factor 2 Procura de Apoio Espiritual	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
23	2,62	1,307	,822	,748
14	2,83	1,335	,808	,754
27	1,92	1,118	,581	,851
30	3,87	1,258	,564	,861
Totais	11,26	4,176	---	,850

*Eliminando o próprio item.

O Factor 3⁸ ($\alpha = .823$) contribui para 9.337% da variância total. Integra itens relacionados a *Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhança*.

As estatísticas descritivas pertencentes aos itens podem ser visualizadas no Quadro 9. Depreende-se pela sua análise que a média de resposta aos itens é baixa ($\bar{x} = 2.17; \sigma = 1.19$), demonstrando que as relações comunitárias com os vizinhos não constituem a principal fonte de apoio social, à qual se recorre em caso de dificuldade. A partilha de

⁸ Consultar anexo V – Factor 3: Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança.

problemas com os vizinhos (item 29) pontua mais baixo que a média (1.93) e obtém uma maior coesão de respostas ($\sigma = 1,08$). Este resultado poderá estar relacionado com a própria natureza da relação, definida não pela intimidade que promove a partilha e a expressão de sentimentos (Abreu, 2000; Gonçalves, 2003), mas sim pelo carácter instrumental/material. Com efeito, as pontuações médias mais elevadas, às quais corresponde um grau de variabilidade também ele maior, refletem essa mesma instrumentalidade (“Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos dêem assistência” – item 10 e “Recebemos ofertas e favores dos vizinhos...” – item 8).

Visível pela descida abrupta da consistência interna, o item 10 evidencia uma forte correlação com o total.

Quadro 9: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 3.

Factor 3 Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
10	2,31	1,225	,752	,677
8	2,27	1,259	,667	,769
29	1,93	1,080	,626	,808
Totais	6,51	3,069	---	,823

*Eliminando o próprio item.

O quarto factor⁹ ($\alpha = .769$) justifica 9.036% da variância total. Nele constam itens que aludem à índole afectiva e próxima das relações, com familiares e amigos íntimos. Por esse motivo, foi intitulado de *Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas*¹⁰. Reflece as características mais importantes que este tipo de vínculo desempenha na procura de apoio social: o aconselhamento e orientação, e o apoio emocional e a expressão de sentimentos.

Os dados relativos ao factor são expostos no Quadro 10. Em termos de medidas de tendência central, a média da distribuição dos resultados ($\bar{x} = 3.489; \sigma = 1.06$) é compreendida por um mínimo de 3.03 (item 25) e máximo de 3.88 (item 1). Quanto à variabilidade das respostas oscila entre .987 (item 4 – procura de informação e aconselhamento junto de membros de outras famílias que passaram por situações semelhantes) e 1.116. O item 25 (para além de apresentar os resultados menos favoráveis e a maior dispersão ao nível das respostas, é o que menos se correlaciona com o total, aumentando tenuemente o alpha se fosse eliminado. A procura de encorajamento e apoio de amigos (item 2) detém a mais elevada correlação com o total, exprimindo nitidamente a estratégia de *coping* que aqui figura.

⁹ Consultar anexo VI – Factor 4: Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas.

¹⁰ Sluzki (1996), refere-se às relações íntimas como aquelas que se estabelecem entre familiares directos, com contacto quotidiano, e amigos íntimos.

Quadro 10: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 4.

Factor 4 Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
2	3,71	1,029	,630	,705
5	3,45	1,133	,609	,708
16	3,49	1,032	,522	,732
1	3,88	1,045	,500	,738
4	3,38	,987	,474	,744
25	3,03	1,116	,358	,776
Totais	20,94	18,691	---	,769

*Eliminando o próprio item.

O Factor 5¹¹ ($\alpha = .707$) legitima uma percentagem de 8.073 da variância total. Recebe a designação de *Mobilização de Apoio Formal* por englobar questões que endereçam à procura de ajuda técnico-profissional. O Quadro 11 condensa a informação relativa aos itens e aos totais do factor.

As estatísticas descritivas indicam um valor de 2.793 para a média de distribuição dos resultados ($\sigma = 1.22$). É na procura de informação e aconselhamento junto de um profissional de saúde (item 9) que se regista um resultado mais alto (3.30). Por sua vez, o valor mais baixo (2.50) pertence ao item 18 (“Fazemos exercício físico com os amigos para mantermos uma boa condição física e reduzir a tensão”). No que respeita à variabilidade de respostas não se verifica a existência de valores dispare.

Quanto à adequação dos itens, é o apoio dado por instituições/técnicos profissionais (item 21) que fortemente se correlaciona com o total, e isso verifica-se no efeito que a sua exclusão teria para a fidelidade do factor. Por seu turno, a diminuta correlação do item 18 com o total e o considerável aumento da consistência interna para .707, permitindo que o factor possa ser utilizado com sub-escala, validam a exclusão do item. O conteúdo deste (actividade de exercício físico) não é consonante com o dos restantes itens e com o que se pretende apurar: a mobilização de apoio formal em situações de crise. Após a eliminação do item, a média do factor passa a ser de 8.73, com um desvio padrão de 2,889.

¹¹ Consultar anexo VII – Factor 5: Mobilização de Apoio Formal.

Quadro 11: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 5.

Factor 5 Mobilização de Apoio Formal	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
21	2,83	1,181	,618	,506
6	2,54	1,200	,481	,597
9	3,30	1,273	,454	,615
18	2,50	1,219	,305	,707
Totais	11,17	3,475	---	,677

*Eliminando o próprio item.

O factor 6¹², com um *alpha* de .590, contribui para 6.162% da totalidade de variância explicada. É composto por itens relacionados com a aceitação e diminuta reactividade às dificuldades dão o nome de *Atitude Passiva* ao factor.

No Quadro 12 vislumbram os resultados alcançados para este factor. A média de respostas é de 3.407 ($\sigma = 1.09$) abrangida por um mínimo de 3.03 (item 12) e máximo de 3.68 (item 20). A mais significativa variabilidade dos resultados cabe ao item 12 (“Vemos televisão”), estando separado por uma magnitude de .348 do item com a menor variabilidade (item 19). É ainda a variável 12 que mais se correlaciona com total, contrariamente ao item 19 (“Acreditamos que as dificuldades acontecem de forma inesperada”).

Tal como já foi referido anteriormente o item 13 (“Mostramos que somos fortes”) satura tanto neste factor (.513) como no do Reenquadramento (.516). Ainda que a eliminação do item baixe a consistência interna do factor, que já por si só não permite que seja usado como sub-escala, a ligação com o primeiro factor é mais consistente (Quadro 12). Ou seja, se a identidade familiar passa pela forte crença nas competências/recursos que possuem para enfrentar dificuldades, será de esperar que a família se sinta mais confiante e competente para reenquadrar de forma mais racional e adequada um acontecimento stressante, impelindo-a a agir (Olson *et al.*, 1983; Relvas, 2005).

A exclusão do item reflecte-se na média e no desvio padrão do factor, que agora atingem valores de 10.08 e 2.361, respectivamente.

Quadro 12: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 6.

Factor 6 Atitude Passiva	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
12	3,03	1,328	,420	,485
13	3,56	,990	,402	,499
20	3,68	1,016	,398	,500
19	3,35	,980	,285	,579

¹² Consultar anexo VIII – Factor 6: Atitude Passiva.

Quadro 12: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 6. (cont.)

Factor 6 Atitude Passiva	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
Totais	13,63	2,915	---	,590

*Eliminando o próprio item.

Ao Factor 7¹³ ($\alpha = .487$) atribui-se a menor percentagem de variância total explicada (5.168%). Abrange itens directamente relacionados com a *Avaliação Passiva* de um acontecimento, pelo que dá o nome a este factor. Foca a atitude minimalista do sistema familiar quando confrontado com a adversidade.

A média da distribuição dos resultados de 2.678 ($\sigma = 1.041$) revela o desacordo geral da população de referência aos itens do factor. É circunscrita pelo item 28 (2.06 – maior discordância) e pelo item 26 (3.04 – maior concordância) (Quadro 13). A maior dispersão de resultados é atribuída aos itens 26 (.963) e 17 (1.091).

Ao item 17 pertence a mais elevada correlação com o total, exemplificando muito bem em que aspecto se centra a estratégia de *coping* exibida pelo factor: a ausência de sentido de controlo sobre o problema, e a atitude pessimista e descrente. Factores de “ordem superior”, como a sorte, desempenham um papel central na resolução de problemas, legitimando a resignação do sistema familiar. Também o item 28 (“Acreditamos que se deixarmos passar o tempo o problema desaparecerá”) se encontra associado à ideia anterior. Embora exiba uma fraca correlação com o total e a sua omissão incrementemente ligeiramente o *alpha*, não se considera a sua eliminação sob a pena de se perderem importantes informações na avaliação deste factor (Quadro13).

Quadro 13.: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 7.

Factor 7 – Avaliação Passiva	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
17	2,94	1,091	,358	,291
26	3,04	,963	,320	,368
28	2,06	1,066	,245	,491
Totais	8,03	2,196	---	,487

*Eliminando o próprio item.

4.2.2. Análise da Solução de Cinco Factores

Dado que os autores apontam para uma composição de cinco factores (resultantes de uma rotação varimax), forçou-se a extracção destes e analisou-se a informação daí derivada. Importa saber qual das soluções será a mais adequada e precisa.

¹³ Consultar anexo IX – Factor 7: Avaliação Passiva.

Os cinco factores explicam cerca de 51.10% da variância total. A variância esclarecida por cada um destes e a saturação cada item nos mesmos é sucintamente apresentada nos quadros 14 e 15¹⁴.

Quadro 14: Total de Variância Explicada (Cinco Componentes)

Componentes	Eigenvalues			Rotação da Soma dos Quadrados		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	5,808	19,361	19,361	3,665	12,217	12,217
2	3,729	12,429	31,790	3,392	11,307	23,524
3	2,370	7,899	39,689	3,383	11,276	34,800
4	1,803	6,009	45,698	3,018	10,061	44,861
5	1,620	5,401	51,100	1,871	6,238	51,100

Quadro 15: Matriz de Rotação dos Cinco Componentes.

Item	Componentes				
	1	2	3	4	5
3	,727				
7	,628				
11	,639				
15	,500				
22	,734				
24	,681				
1		,418			
5		,491			
6		,598			
9		,589			
17		,343			,333
18		,564			
21		,716			
25		,584			
26		,437			
2			,584		
4			,404		
8			,733		
10			,781		
16			,591		
28			,334		
29			,731		
14				,872	
23				,881	
27				,679	
30				,717	
12					,767
13					,531

¹⁴ Consultar anexo X – Análise de Componentes Principais (5)

Quadro 15: Matriz de Rotação dos Cinco Componentes (cont.).

Item	Componentes				
	1	2	3	4	5
19					,472
20					,478

Os factores 4 (Procura de Ajuda Espiritual) e 5 (Avaliação Passiva) coincidem na íntegra com as sub-escalas que recebem a mesma designação na solução de 7 factores, pelo que não serão novamente abordados.

Segue-se de seguida a análise dos factores que divergem dos anteriormente encontrados.

Com um *alpha* igual a .768, o factor Reenquadramento¹⁵ explica 12.217% da variância total. É em tudo semelhante à sub-escala do Reenquadramento da solução dos 7 factores (médias de tendência central dos itens, maior/menor correlação destes com o total), diferindo unicamente nos valores obtidos, dado que não inclui o item 13.

A média de distribuição de resposta situa-se entre 3.31 e 4.09, sendo a média de 3.724 ($\sigma = 0.92$). As variabilidades mínimas e máximas (Quadro 16) coincidem com esses mesmos itens. A correlação mais elevada é a do item 22 (.627) e a mais baixa, a do item 15 (.355).

Quadro 16: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 1.

Factor 1 Reenquadramento	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
22	3,80	,879	,627	,705
3	4,09	,826	,592	,716
24	3,54	,918	,564	,720
11	3,99	,937	,508	,734
7	3,61	,980	,461	,747
15	3,31	1,006	,355	,777
Totais	22,34	3,781	---	,768

*Eliminando o próprio item.

O segundo factor, *Mobilização Familiar para a Aquisição e Aceitação de Ajuda*¹⁶ ($\alpha = .755$), é responsável por 11.307% da variância total. Contempla itens que invocam a procura e aceitação de ajuda proveniente das relações comunitárias. O Quadro 17 regista os valores alcançados.

A média dos itens é de 3.061 ($\sigma = 1.14$), correspondendo-lhe um valor mínimo de 2.54 (item 6 – “Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa”) e máximo de 3.87 (“Compartilhamos as nossas dificuldades com os familiares”). Quanto ao

¹⁵ Consultar anexo XI – Factor 1: Reenquadramento.

¹⁶ Consultar anexo XII – Factor 2: Mobilização Familiar para a Aquisição e Aceitação de Ajuda.

nível de variabilidade é menor no item 26 (“Sentimos que apesar de tudo o que possamos fazer teremos dificuldade em lidar com os problemas”) e maior no item 9 (“Procuramos informação e conselhos junto do médico de família”).

A correlação mais alta é evidenciada pelo item 21 (“Procuramos conselhos e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares”), baixando significativamente o *alpha* se for excluído. O item 18 é o que menos se correlaciona com a sub-escala. Ainda assim, a sua anulação resulta na perda de fidelidade do factor. Deste modo, concluiu-se que todos os itens contribuem para a consistência da sub-escala, dado que a eliminação de cada um deles se repercute na diminuição da consistência (Quadro 17).

Quadro 17: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 2.

Factor 2 Mobilização Familiar para a Aquisição e Aceitação de Ajuda	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
21	2,85	1,184	,604	,703
25	3,02	1,109	,491	,724
6	2,54	1,193	,468	,727
9	3,31	1,281	,460	,728
5	3,44	1,125	,440	,731
17	2,96	1,110	,373	,742
26	3,06	,963	,359	,743
1	3,87	1,039	,353	,744
18	2,51	1,226	,352	,746
Totais	27,55	5,966	---	,755

*Eliminando o próprio item.

O Factor 3 – Aquisição de *Apoio Social*¹⁷, com um *alpha* de .798, esclarece 11.276% da variância total explicada. Menciona a procura de apoio social nas relações com os vizinhos e amigos íntimos.

No Quadro 18 são expostas as estatísticas descritivas e a fidelidade dos itens e dos totais da sub-escala.

Os dados descritivos revelam uma discrepância de valores referentes às médias de distribuição de resposta, sendo que a média aritmética é de 2.725 ($\sigma = 1.10$). O valor mais alto refere-se à procura de “encorajamento e apoio de amigos” (item 2) e o mais baixo ao partilhar de problemas com os vizinhos (item 29). Os itens 8 (“Recebemos ofertas dos vizinhos ...”) e 4 (“Procuramos informações e conselhos de pessoas de outras famílias que passaram por problemas semelhantes”) são responsáveis pelas maiores dispersões, em termos de resultados.

O item 10 (“Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos dêem assistência”) afecta seriamente a consistência interna da sub-escala se for eliminado, expressando deste modo a elevada correlação que estabelece com o total. Efeito inverso tem o item 28 (“Acreditamos que se

¹⁷Consultar anexo XIII– Factor 3: Aquisição de Apoio Social

deixarmos passar o tempo o problema desaparecerá”) que ao ser excluído aumenta a consistência interna do factor de .767 para .798. Em virtude disto, os dados normativos para o factor alteram-se, sendo a média de 17.08 e o desvio padrão 4.682.

Quadro 18: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 3.

Factor 3 Aquisição de Apoio Social	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
10	2,29	1,218	,670	,695
8	2,27	1,263	,584	,716
29	1,93	1,075	,576	,720
2	3,70	1,019	,523	,731
16	3,47	1,032	,504	,735
4	3,38	,979	,396	,755
28	2,05	1,062	,172	,798
Totais	19,08	4,958	---	,767

*Eliminando o próprio item.

A quarta sub-escala de *coping*, *Procura de Apoio Espiritual*¹⁸ ($\alpha = .850$) explica 10.061% da variância total. O quadro que se segue resume os valores que a representam.

Quadro 19: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 4.

Factor 4 Procura de Apoio Espiritual	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
23	2,62	1,307	,822	,748
14	2,83	1,335	,808	,754
27	1,92	1,118	,581	,851
30	3,87	1,258	,564	,861
Totais	11,26	4,176	---	,850

*Eliminando o próprio item.

Por último, o factor *Avaliação Passiva*¹⁹ ($\alpha = .590$) justifica 6.238% da variância total. O Quadro 20 reúne a informação tida como a mais pertinente para a análise do factor.

Quadro 20: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 5.

Factor 5 Avaliação Passiva	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
12	3,03	1,328	,420	,485
13	3,56	,990	,402	,499

¹⁸ Consultar anexo XIV - Factor 4: Procura de Apoio Espiritual.

¹⁹ Consultar anexo XV - Factor 5: Avaliação Passiva.

Quadro 20: Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens e totais do Factor 5 (cont.).

Factor 5 Avaliação Passiva	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total	Alpha Cronbach*
20	3,68	1,016	,398	,500
19	3,35	,980	,285	,579
Totais	13,63	2,915	---	,590

*Eliminando o próprio item.

Retomando a escala original de McCubbin *et al.* (1981) as diferenças encontradas na organização dos itens nos factores e nos valores da consistência interna são notórias (Quadro 21 e 23). Importa salientar a decisão dos autores com respeito à não inclusão do item 18 na escala, derivado à fraca saturação nos factores.

Quadro 21: Constituição da versão original do F-COPES e índices de consistência interna.

Factores	Itens	Alpha
Aquisição de Apoio Social	1, 2, 5, 8, 10, 16, 20, 25, 29	,83
Reenquadramento	3, 7, 11, 13, 15, 19, 22, 24	,82
Procura de Apoio Espiritual	14, 23, 27, 30	,80
Mobilização Familiar para a Aquisição e Aceitação de Ajuda	4, 6, 9, 21	,71
Avaliação passiva	12, 17, 26, 28	,63

4.2.3. Comparação: solução Sete Factores Vs solução Cinco Factores

A solução dos 7 factores, pela aceitabilidade da consistência interna das dimensões que a abrange (iguais ou superiores a .70), oferece cinco sub-escalas que permitem a avaliação de forma independente de cinco estratégias de *coping* (Quadro 22). As sub-escalas são extremamente claras quanto às dimensões que as constituem.

A discriminação que é feita entre as três estratégias de coping, que visam a procura de apoio social (relações pessoais/vizinhança) e a mobilização de apoio formal, é tida como uma mais valia, na medida em que permite visualizar qual a estratégia mais ou menos utilizada. A vivência de stress, provocado por uma situação de crise, leva a uma saturação dos recursos existentes. Perante esta possibilidade é necessário equacionar a utilização de outras estratégias para gerir o problema. Por exemplo, se a principal estratégia de coping utilizada pelo sistema para lidar com uma doença é a procura de apoio junto de familiares e amigos, e se este se revelam sobrecarregados, torna-se pertinente (re)activar outras estratégias, nomeadamente o apoio técnico/profissional. Esta análise e, conseqüente trabalho, só é possível com a divisão destas estratégias em sub-escalas distintas.

Quanto à versão dos 5 factores consagra quatro sub-escalas, considerando valores de *alpha* superiores a .70 (Quadro 23). A concentração dos itens nas dimensões torna-as confusas e pouco específicas na avaliação das estratégias de *coping*. Por exemplo, o factor 2 reúne itens com temáticas variadas (apoio social e formal, sorte, e a atitude descrente da família para lidar com dificuldades) e que voltam a ser focadas no factor 3 (apoio social).

Por outro lado, a solução de 7 factores explica uma maior percentagem de variância (58.77%) do que a de 5 factores (51,1%), portanto, optou-se pela solução dos 7 factores.

Quadro 22: Versão de 7 factores do F-COPES e índices de consistência interna

Factores	Itens	Alpha
Reenquadramento	22, 3, 24, 11, 7, 13, 15	,79
Procura de Apoio Espiritual	23, 14, 27, 30	,85
Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança	10, 8, 29	,82
Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas	2, 5, 16, 1, 4, 25	,77
Mobilização de Apoio Formal	21, 6, 9	,70
Aceitação Passiva	12, 20, 19	,50
Avaliação passiva	17, 26, 28	,49

Quadro 23: Versão de 5 factores do F-COPES e índices de consistência interna.

Factores	Itens	Alpha
Reenquadramento	22, 3, 24, 11, 7, 15	,77
Procura de Apoio Espiritual	23, 14, 27, 30	,85
Aquisição de Apoio Social	10, 8, 29, 2, 16, 4	,80
Mobilização Familiar para a Aquisição e Aceitação de	21, 25, 6, 9, 5, 17, 26, 1,	,76
Ajuda Aquisição de Apoio Social	18	
Avaliação passiva	12, 13, 20, 19	,59

4.3. Dados Normativos

Com o intuito de inferir a normalidade da distribuição, procedeu-se à representação gráfica das pontuações obtidas na escala. Pestana e Gameiro (2005) sugerem que quando se verifica uma similitude de valores das medidas de tendência central, como é o caso, a curvatura da distribuição tende a ser simétrica e a média aritmética a assumir-se como ponto central desta. Sustentada pelos valores numéricos provenientes dos coeficientes de assimetria e curtose e respectivos erros padrões²⁰, ainda que claramente visível no histograma, a curva apresentada assume um carácter simétrico (obtendo-se um valor de 1,49 situado entre -1,96 e +1,96) e mesocurtico (com um valor de 0,32 superior a -1,96 e inferior a +1,96), dotando de normalidade a distribuição de frequências (Figura 2).

²⁰ Consultar anexo XVI – Valores normativos para a escala total.

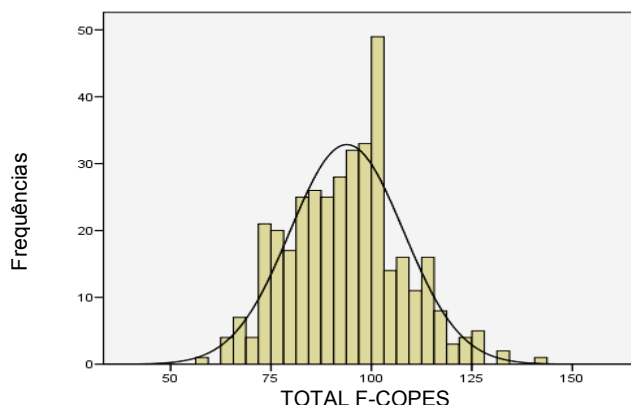


Figura 2: Histograma de frequências do F-COPES

No que respeita à totalidade da escala obteve-se um valor médio de 93,87, compreendido por um espaço intervalar mínimo de 59 e máximo de 141, com um desvio padrão de 14,117²¹. Relativamente aos valores normativos das sub-escalas, o quadro abaixo exhibe os resultados encontrados.

Quadro24: Dados Normativos para as Sub-Escalas

Sub-Escala	Média	Desvio Padrão
Reenquadramento	25,91	4,33
3. Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes		
7. Sabemos que a nossa família tem recursos próprios para resolver os nossos problemas		
11. Encaramos os problemas de frente e procuramos soluções de forma activa e rápida		
13. Mostramos que somos fortes		
15. Aceitamos os acontecimentos perturbadores como parte integrante da vida		
22. Acreditamos que podemos lidar com os nossos próprios problemas		
24. Definimos o problema familiar de uma forma mais positiva de maneira a que não nos sintamos demasiado desencorajados		
Apoio Espiritual	11,26	4,18
14. Frequentamos a igreja e vamos à missa		
23. Participamos em actividades religiosas		
27. Procuramos o conselho de um padre		
30. Temos fé em Deus		

²¹ Consultar anexo XVII – Valores normativos para a escala total.

Quadro24: Dados Normativos para as Sub-Escalas (cont.)

Sub-Escala	Média	Desvio Padrão
Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça	6,51	3,07
8. Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.) 10. Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos dêem assistência 29. Partilhamos os problemas com os nossos vizinhos		
Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas	20,94	18,69
1. Compartilhamos as nossas dificuldades com os familiares 2. Procuramos o encorajamento e o apoio de amigos 4. Procuramos informações e conselhos de pessoas de outras famílias que passaram por problemas semelhantes 5. Procuramos conselhos de parentes próximos (avós, etc.) 16. Partilhamos as nossas preocupações com os amigos íntimos 25. Perguntamos aos nossos familiares o que sentem sobre os problemas com que nos defrontamos		
Mobilização de Apoio Formal	8,73	2,89
6. Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa 9. Procuramos informação e conselhos junto do médico de família 21. Procuramos conselho e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares		

Por último, procurou-se averiguar se os resultados da escala diferiam em termos de género. Para esse efeito recorreu-se ao Teste T-student para amostras independentes. A informação daí derivada apontou para a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da média dos resultados do sexo feminino e do sexo masculino ($p = .008$), e para a homogeneidade de variâncias, assegurada pelo valor alcançado no Teste de Levene ($p = .251$)²².

Quadro25: Análise da média e da variância quanto ao género

	Género	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
F-COPES	M	119	91,05	14,950	1,370
TOTAL	F	253	95,20	13,536	,851

²² Consultar anexo XVIII – Teste T-Student, análise da média e da variância quanto ao género.

Quadro 26: Teste T-student, análise da média e da variância quanto ao género

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-T para igualdade de médias				
		F	Sig.	t	df	Sig. (bilateral)	Diferença de média	Erro Padrão da Diferença
TOTAL F-COPES	Igualdade de variâncias assumida	1,320	,251	-2,667	370	,008	-4,151	1,556
	Igualdade de variâncias não assumida			-2,573	211,808	,011	-4,151	1,613

5 – Conclusões

O F-COPES (Inventário de Estratégias de *Coping* Familiar) procura identificar as estratégias de *coping* utilizadas pelas famílias quando confrontadas com situações de stress/crise. A designação de F-COPES enquanto Inventário (Olson *et al.*, 1983), ao invés de Escalas, prende-se com o facto de se tratar apenas de um único instrumento de avaliação, que comporta sub-categorias.

Mediante a avaliação que é feita do potencial stressante do evento, das exigências que levanta e dos recursos existentes, a família selecciona as estratégias que considera ser mais adequadas para o problema suscitado. O emprego de estratégias de *coping* internas/externas visa a atenuação da tensão emocional desencadeada pelo acontecimento indutor de stress, a gestão e procura de soluções para o problema, e por fim, a adaptação e evolução da unidade familiar.

Nas estratégias de *coping* interno encontramos o reequadramento e a avaliação passiva, e nas estratégias externas a aquisição de apoio social e formal, e o apoio espiritual.

As características psicométricas do instrumento revelam:

- Uma boa consistência interna (.85);
- A correlação de todos os itens com a totalidade da escala, principalmente os que se relacionam com a aquisição de apoio social e com procura de apoio espiritual;
- A não replicação da estrutura de cinco factores apresentada pelos autores;
- E uma solução de sete factores responsável por 58.8% da variância total e que engloba cinco sub-escalas (Reequadramento - $\alpha = .79$, Procura de Apoio Espiritual - $\alpha = .85$, Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhaça - $\alpha = .82$, Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas - $\alpha = .77$, e Mobilização de Apoio Formal - $\alpha = .70$) e duas dimensões (Atitude Passiva e Avaliação Passiva).

Por fim, a impossibilidade de avaliar a estabilidade temporal dos resultados obtidos na escala (teste-reteste) fica como sugestão para futuras investigações, assim como a correlação com outros instrumentos que meçam o *coping*.

Bibliografia

- Abreu, S. (2000). *Singularidades das redes e redes de singularidade. Rede social pessoal e saúde mental*. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto Superior Miguel Torga.
- Antoniazzi, A.; Dell'Aglio, D.; & Bandeira, D (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294. Consultado em Março de 2008, <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Alarcão, M. (1998). Família e redes sociais – malha a malha se tece a teia. *Revista Interações*, 7, 93-102.
- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares: uma visão sistémica*. (2ªed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Antonovsky, A. (1998). The sense of coherence: an historical and future perspective. In H. McCubbin; E. Thompson; A. Thompson & J. Fromer (Ed.), *Stress, coping and health in families: sense of coherence and resiliency* (pp. 3-20). United Kingdom: Sage Publications, Inc.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar* (F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barros, J. (2006). Espiritualidade, sabedoria e sentido de vida nos idosos. *Psychologica*, 42, 133-145.
- Câmara, S. & Carlotto, M. (2007). *Coping e género em adolescentes. Psicologia em Estudo*, 12 (1), 87-93. Consultado em Março de 2008, <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Carrondo, E. (2006). *Formação profissional de enfermeiros e desenvolvimento da criança: contributo para um perfil centrado no paradigma salutogénico*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Consultado em Março de 2008, <http://repositorium.sdum.uminho.pt>
- Costa, E. & Leal, I. (2006). Estratégias de *coping* em estudantes do Ensino Superior. *Análise Psicológica*, 2 (24), 189-199.
- Dessen, M. & Braz, M. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Florian, V. & Dangoo, N. (1994). Personal and familial adaptation of women with severe physical disabilities: a further validation of the Double ABCX Model. *Journal of Marriage and the Family*, 56 (3), 735-746.
- Gonçalves, M. (2003). *Vinculação, rede social e psicopatologia no 1º ano de ensino superior*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade de Coimbra.
- Leske, J. & Jiricka, M. (1998). Impact of family demands and family strengths and capabilities on family well-being and adaptation after critical injury. *American Journal of Critical Care*, 7, 383-392.
- Lima, M. (1997). *NEO-PI-R: contextos teóricos e psicométricos "OCEAN" ou "iceberg"?*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Margis, R.; Picon, P.; Cosner, A.; & Silveira, R. (2003). Relação entre stressores, stress e ansiedade. *Revista de Psiquiatria*, 25 (1), 65-74.

- Consultado em Março de 2008, <http://www.scielo.br/scielo.php>
- McCubbin, H.; Thompson, E.; Thompson, A. & Fromer, J. (1998). *Stress, coping and health in families: sense of coherence and resiliency*. United Kingdom: Sage Publications, Inc.
- McCubbin, H.; Thompson, A. & McCubbin, M. (1996). *Family assessment: resiliency, coping and adaptation – Inventories for research and practice*. Madison: University of Wisconsin System.
- McCubbin, M. (1995). The Typology of model of adjustment and adaptation: a family stress model. *Guidance & Counselling*, 10 (4), 31-37.
- Middlebrooks, J. & Audage, N. (2008). *The effects of childhood stress on health across the lifespan*. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control. Consultado em Maio de 2008, http://www.cdc.gov/ncipc/pub-res/pdf/Childhood_Stress.pdf
- Miguel, P. (2006). *Inventário de Interesses Profissionais de Amesterdão*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris: J. P. Delarge.
- Olson, D. & DeFrain, J. (2003). *Mariages and Families, intimacy, diversity and strengths* (4 ed.). New York: McGraw-Hill.
- Olson, D.; McCubbin, H.; Barnes, H.; Larsen, A.; Muxen, M. & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. London: Sage Publications.
- Patterson, J. & Garwick, A. (1998). Theoretical linkages – family meanings and sense of coherence. In H. McCubbin; E. Thompson; A. Thompson & J. Fromer (Ed), *Stress, coping and health in families: sense of coherence and resiliency* (pp. 71-89). United Kingdom: Sage Publications, Inc.
- Panzini, R. & Bandeira, D. (2005). Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. *Psicologia em Estudo*, 10 (3), 507-516. Consultado em Março de 2008, <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Panzini, R. & Bandeira, D. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (1), 126-135. Consultado em Março de 2008, [Http://www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php)
- Pestana, M. & Gameiro, J. (2005). *Análise de dados para Ciências sociais. A complementariedade do SPSS*. (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Plunkett, S.; Henry, C. & Knaub, P. (1999). Family stressor events, family coping, and adolescent adaptations in farm and ranch families. *Adolescence*, 133 (34), 147-168.
- Reis, S. & Heppner (1993). Examination of coping resources and family adaptation in mothers and daughters of incestuous versus nonclinical families. *Journal of Counselling Psychology*, 40 (1), 100-108.
- Relvas, A. (2005). Família e stress: das crises normativas às crises inesperadas. Como intervir numa perspectiva sistémica. In A. Pinto & A. Silva (Ed.), *Stress e bem-estar: modelos e domínios de aplicação* (pp. 43-58). Lisboa: Climepsi Editores.

- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. (3ªed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, L.; Ribeiro, J. & Guimarães, L. (2003). Estudo de uma escala de crenças e de estratégias de coping através do lazer. *Análise Psicológica*, 4 (21), 441-451.
- Sanzovo, C. & Coelho, M. (2007). Estressores e estratégias de coping em uma amostra de psicólogos clínicos. *Estudos de Psicologia*, 24(2), 227-238. Consultado em Março de 2008, <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Sluzki, C. (1996). *La red social: frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Smith, S. (1984). Family Stress Theory: review and critique. Comunicação apresentada na *National Council on Family Relations*, San Francisco, USA.
- Smith, J. (1993). *Understanding stress and coping*. New York: Macmillan Publishing Company.
- Soares, I. (2000). Introdução à Psicopatologia do desenvolvimento: questões teóricas e de investigação. In Soares, I. (Ed.), *Psicopatologia da desenvolvimento: tranjectórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 13-37) Coimbra: Quarteto Editora.
- Street, E. & Rivett, M. (1996). Stress and coping in the practice of family therapy: a British survey. *Journal of Family Therapy*, 18, 303-319.
- Vaz-Serra, A. (2005). As múltiplas facetas do stress. In A. Pinto & A. Silva (Ed.), *Stress e bem-estar: modelos e domínios de aplicação* (pp. 17-42). Lisboa: Climepsi Editores.
- Vaz-Serra, A. (2003). *O distúrbio de stress pós-traumático*. Linda-a-Velha: Vale & Vale Editores, Lda.
- Walsh, L. (1997). *Stress and coping in the families of canadian military members deployed overseas*. Dissertação de Doutoramento publicada. Faculty of Graduate Studies and Research. University of Windsor.
- Zeidner, M. & Saklofske, D. (1996). Adaptive and maladaptive coping. In M. Zeidner & N. Endler (Ed.), *Handbook of coping – theory, research and applications*. (pp. 505-531). New York: John Wiley & Sons. Inc.

Anexos

Anexo I – Relação Item/Escala Total

Itens	Média*	Variância*	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach
1	89,99	186,655	,405	,840
2	90,16	184,908	,477	,838
3	89,79	194,135	,195	,845
4	90,49	186,720	,430	,839
5	90,42	182,002	,524	,836
6	91,33	187,257	,323	,842
7	90,26	192,157	,228	,845
8	91,60	184,106	,398	,840
9	90,58	183,668	,406	,840
10	91,57	182,861	,451	,838
11	89,88	192,404	,231	,845
12	90,84	191,257	,171	,848
13	90,31	191,702	,242	,844
14	91,04	181,246	,453	,838
15	90,56	189,837	,305	,843
16	90,39	184,949	,474	,838
17	90,94	185,128	,437	,839
18	91,37	186,483	,341	,842
19	90,52	190,342	,296	,843
20	90,20	188,870	,336	,842
21	91,04	183,586	,447	,838
22	90,07	192,513	,247	,844
23	91,25	181,234	,465	,838
24	90,33	190,029	,333	,842
25	90,85	183,737	,474	,838
26	90,83	190,738	,287	,843
27	91,95	183,380	,484	,837
28	91,82	193,497	,157	,847
29	91,95	187,032	,376	,841
30	90,00	184,404	,390	,840

* Eliminando o próprio item.

Anexo II. – Análise de Componentes Principais (7)

Total de Variância Explicada

	Eigenvalues			Extracção da Soma dos			Rotação da Soma dos		
	Total	Quadrados		Total	Quadrados		Total	Quadrados	
		% de Variância	% Cumulativa		% de Variância	% Cumulativa		% de Variância	% Cumulativa
1	5,808	19,361	19,361	5,808	19,361	19,361	3,283	10,942	10,942
2	3,729	12,429	31,790	3,729	12,429	31,790	3,015	10,051	20,993
3	2,370	7,899	39,689	2,370	7,899	39,689	2,801	9,337	30,330
4	1,803	6,009	45,698	1,803	6,009	45,698	2,711	9,036	39,366
5	1,620	5,401	51,100	1,620	5,401	51,100	2,422	8,073	47,439
6	1,224	4,079	55,178	1,224	4,079	55,178	1,849	6,162	53,602
7	1,077	3,591	58,769	1,077	3,591	58,769	1,550	5,168	58,769
8	,965	3,217	61,987						
9	,945	3,152	65,139						
10	,867	2,891	68,030						
11	,768	2,561	70,591						
12	,761	2,537	73,128						
13	,733	2,442	75,569						
14	,705	2,349	77,919						
15	,642	2,139	80,058						
16	,574	1,914	81,972						
17	,562	1,874	83,846						
18	,532	1,774	85,619						
19	,515	1,717	87,336						
20	,495	1,651	88,987						
21	,452	1,507	90,494						
22	,427	1,422	91,916						
23	,405	1,349	93,266						
24	,393	1,309	94,575						
25	,352	1,173	95,748						
26	,321	1,069	96,817						
27	,301	1,002	97,819						
28	,289	,964	98,782						
29	,235	,783	99,566						
30	,130	,434	100,000						

Matriz de Rotação de Componentes.

Item	Componentes						
	1	2	3	4	5	6	7
1	,172	,164	,009	,647	,139	-,019	-,136
2	,136	-,026	,403	,680	,181	-,100	-,083
3	,756	,065	-,142	,031	,062	-,012	-,171
4	,136	-,052	,216	,529	,170	,057	,223
5	,163	,112	,060	,750	,137	,074	,103
6	-,188	,026	,284	,206	,640	-,164	,087
7	,618	,033	-,032	,158	-,023	-,035	-,019
8	-,076	,078	,750	,169	,220	,032	-,004
9	,010	,127	,235	,080	,681	,126	-,084
10	-,128	,157	,787	,176	,167	,097	,086
11	,669	-,134	-,072	,084	,186	,158	-,108
12	-,015	,018	,202	-,079	-,069	,798	,058
13	,516	-,049	-,036	-,014	,019	,513	,054
14	,041	,887	,138	,041	,067	,030	,004
15	,508	,229	,229	,113	-,175	-,025	,099
16	,134	-,039	,397	,591	,071	,031	,180
17	,155	,159	,195	-,025	,381	,115	,557
18	,141	,028	-,106	,234	,489	,245	,033
19	,307	,030	,230	-,025	,086	,432	,068
20	,057	,195	-,255	,310	,168	,675	-,029
21	,003	,112	,117	,212	,740	-,087	,157
22	,736	-,009	-,139	,106	-,062	,200	,079
23	,036	,881	,231	,027	,051	-,039	,049
24	,675	,097	-,033	,190	-,016	,020	,118
25	,052	,393	-,133	,415	,374	,126	,071
26	-,099	,131	-,134	,151	,301	,080	,673
27	-,043	,659	,316	,106	,171	-,092	,207
28	-,014	,095	,214	,040	-,226	-,017	,675
29	-,135	,219	,725	,147	,010	,044	,135
30	,122	,730	-,113	,046	,055	,223	,116

Anexo III. – FACTOR 1: REENQUADRAMENTO**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,785	,791	7

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
FC3	4,09	,826
FC7	3,61	,980
FC11	3,99	,937
FC13	3,56	,990
FC15	3,31	1,006
FC22	3,80	,879
FC24	3,54	,918

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,701	3,312	4,086	,774	1,234	,074	7
Variância dos itens	,876	,683	1,013	,330	1,484	,014	7

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
3	21,82	14,315	,598	,377	,743
7	22,30	14,333	,464	,246	,767
11	21,92	14,077	,538	,347	,752
13	22,34	14,296	,463	,254	,768
15	22,59	15,040	,344	,173	,792
22	22,10	13,698	,656	,435	,731
24	22,37	14,060	,557	,323	,749

* Eliminando o próprio item

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
25,91	18,738	4,329	7

Anexo IV. – FACTOR 2: PROCURA DE APOIO ESPIRITUAL**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,850	,847	4

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
FC14	2,83	1,335
FC23	2,62	1,307
FC27	1,92	1,118
FC30	3,87	1,258

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	2,814	1,925	3,874	1,949	2,013	,650	4
Variância dos itens	1,581	1,250	1,783	,533	1,426	,055	4

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
14	8,42	9,134	,765	,724	,754
23	8,63	9,209	,788	,741	,748
27	9,33	11,731	,599	,394	,851
30	7,38	11,121	,571	,352	,861

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
11,26	17,436	4,176	4

Totais do factor, incluindo item 25.

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
14,28	21,993	4,690	5

Anexo V. – FACTOR 3: AQUISIÇÃO DE APOIO SOCIAL - RELAÇÕES DE VIZINHANÇA**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,823	,823	3

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
FC8	2,27	1,259
FC10	2,31	1,225
FC29	1,93	1,080

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	2,169	1,927	2,306	,379	1,197	,044	3
Variância dos itens	1,418	1,167	1,585	,418	1,358	,049	3

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
FC8	4,23	4,336	,667	,473	,769
FC10	4,20	4,161	,752	,565	,677
FC29	4,58	5,177	,626	,412	,808

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
6,51	9,420	3,069	3

Anexo VI. – FACTOR 4: AQUISIÇÃO DE APOIO SOCIAL - RELAÇÕES ÍNTIMAS.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach baseado nos itens estandardizados	Nº itens
,769	,770	6

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
1	3,88	1,045
2	3,71	1,029
4	3,38	,987
5	3,45	1,133
16	3,49	1,032
25	3,03	1,116

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,489	3,027	3,882	,855	1,282	,086	6
Variância dos itens	1,119	,975	1,283	,309	1,317	,014	6

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
1	17,05	13,733	,500	,304	,738
2	17,23	12,968	,630	,466	,705
4	17,56	14,188	,474	,295	,744
5	17,48	12,525	,609	,381	,708
16	17,45	13,650	,522	,338	,732
25	17,91	14,417	,358	,187	,776

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
20,94	18,691	4,323	6

Anexo VII. – FACTOR 5: MOBILIZAÇÃO DE APOIO FORMAL.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,677	,679	4

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
6	2,54	1,200
9	3,30	1,273
18	2,50	1,219
21	2,83	1,181

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo /		Nº de Itens
					Mínimo	Variância	
Média dos itens	2,793	2,500	3,296	,796	1,318	,134	4
Variância dos itens	1,485	1,395	1,621	,226	1,162	,010	4

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de	
				Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
6	8,63	7,479	,481	,293	,597
9	7,88	7,327	,454	,235	,615
18	8,67	8,431	,305	,113	,707
21	8,34	6,861	,618	,396	,506

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
11,17	12,078	3,475	4

Totais do factor, excluindo o item 18

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
8,73	8,346	2,889	3

Anexo VIII. – FACTOR 6: ATITUDE PASSIVA.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,590	,592	4

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
12	3,03	1,328
13	3,56	,990
19	3,35	,980
20	3,68	1,016

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,407	3,035	3,677	,642	1,212	,080	4
Variância dos itens	1,185	,961	1,764	,803	1,836	,150	4

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
12	10,59	4,393	,420	,186	,485
13	10,06	5,632	,402	,166	,499
19	10,28	6,152	,285	,083	,579
20	9,95	5,558	,398	,159	,500

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
13,63	8,499	2,915	4

Anexo IX. – FACTOR 7: AVALIAÇÃO PASSIVA.**Consistência Interna**

Alpha Cronbach	Alpha Cronbach baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,487	,489	3

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
17	2,94	1,091
26	3,04	,963
28	2,06	1,066

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	2,678	2,056	3,040	,984	1,478	,293	3
Variância dos itens	1,085	,928	1,190	,262	1,282	,019	3

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
17	5,10	2,416	,358	,137	,291
26	4,99	2,852	,320	,118	,368
28	5,98	2,808	,245	,061	,491

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
8,03	4,821	2,196	3

Anexo X. – Análise de Componentes Principais (5)**Total de Variância Explicada (Cinco Componentes)**

Componentes	Eigenvalues			Extracção da Soma dos			Rotação da Soma dos		
				Quadrados			Quadrados		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	5,808	19,361	19,361	5,808	19,361	19,361	3,665	12,217	12,217
2	3,729	12,429	31,790	3,729	12,429	31,790	3,392	11,307	23,524
3	2,370	7,899	39,689	2,370	7,899	39,689	3,383	11,276	34,800
4	1,803	6,009	45,698	1,803	6,009	45,698	3,018	10,061	44,861
5	1,620	5,401	51,100	1,620	5,401	51,100	1,871	6,238	51,100
6	1,224	4,079	55,178						
7	1,077	3,591	58,769						
8	,965	3,217	61,987						
9	,945	3,152	65,139						
10	,867	2,891	68,030						
11	,768	2,561	70,591						
12	,761	2,537	73,128						
13	,733	2,442	75,569						
14	,705	2,349	77,919						
15	,642	2,139	80,058						
16	,574	1,914	81,972						
17	,562	1,874	83,846						
18	,532	1,774	85,619						
19	,515	1,717	87,336						
20	,495	1,651	88,987						
21	,452	1,507	90,494						
22	,427	1,422	91,916						
23	,405	1,349	93,266						
24	,393	1,309	94,575						
25	,352	1,173	95,748						
26	,321	1,069	96,817						
27	,301	1,002	97,819						
28	,289	,964	98,782						
29	,235	,783	99,566						
30	,130	,434	100,000						

Matriz de Rotação dos Cinco Componentes.

Item	Componentes				
	1	2	3	4	5
1	,381	,418	,191	,086	-,227
2	,301	,395	,584	-,078	-,245
3	,727	,012	-,165	,044	-,009
4	,243	,386	,404	-,062	,019
5	,383	,491	,309	,058	-,090
6	-,229	,598	,329	,014	-,150
7	,628	,009	,014	,030	-,020
8	-,107	,173	,733	,083	,055
9	-,057	,589	,184	,088	,101
10	-,153	,153	,781	,173	,133
11	,639	,153	-,080	-,158	,157
12	-,014	-,015	,120	,009	,767
13	,489	,039	-,068	-,053	,531
14	,057	,121	,101	,872	,003
15	,500	-,143	,260	,256	,045
16	,263	,301	,591	-,048	-,020
17	,017	,343	,233	,232	,333
18	,167	,564	-,054	-,016	,178
19	,256	,064	,177	,035	,472
20	,208	,426	-,194	,115	,478
21	-,050	,716	,173	,098	-,058
22	,734	-,006	-,098	-,005	,237
23	,032	,082	,196	,881	-,030
24	,681	,051	,040	,107	,068
25	,167	,584	-,012	,337	,004
26	-,127	,437	,020	,191	,226
27	-,063	,207	,335	,679	-,036
28	-,057	-,130	,334	,203	,206
29	-,149	,020	,731	,247	,096
30	,153	,168	-,116	,717	,197

Anexo XI. – FACTOR 1: REENQUADRAMENTO.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,768	,774	6

Estadísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
3	4,09	,826
7	3,61	,980
11	3,99	,937
15	3,31	1,006
22	3,80	,879
24	3,54	,918

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,724	3,312	4,086	,774	1,234	,085	6
Variância dos itens	,858	,683	1,013	,330	1,484	,015	6

Estadísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
3	18,26	10,449	,592	,371	,716
7	18,73	10,418	,461	,244	,747
11	18,35	10,353	,508	,330	,734
15	19,03	10,924	,355	,173	,777
22	18,54	10,034	,627	,399	,705
24	18,80	10,154	,564	,322	,720

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
22,34	14,296	3,781	6

Anexo XII. – FACTOR 2: MOBILIZAÇÃO FAMILIAR PARA A AQUISIÇÃO E ACEITAÇÃO DE AJUDA.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,755	,754	9

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
1	3,87	1,039
5	3,44	1,125
6	2,54	1,193
9	3,31	1,281
17	2,96	1,110
18	2,51	1,226
21	2,85	1,184
25	3,02	1,109
26	3,06	,963

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,061	2,510	3,870	1,360	1,542	,187	9
Variância dos itens	1,300	,927	1,641	,715	1,771	,048	9

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
1	23,68	30,463	,353	,197	,744
5	24,11	28,989	,440	,253	,731
6	25,01	28,236	,468	,291	,727
9	24,24	27,743	,460	,256	,728
17	24,59	29,837	,373	,191	,742
18	25,04	29,404	,352	,149	,746
21	24,70	26,787	,604	,421	,703
25	24,53	28,541	,491	,276	,724
26	24,49	30,822	,359	,184	,743

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
27,55	35,588	5,966	9

Anexo XIII. – FACTOR 3: AQUISIÇÃO DE APOIO SOCIAL**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,798	,795	6

Estatísticas dos Itens

Itens	Média	Desvio Padrão
2	3,71	1,029
4	3,38	,987
8	2,27	1,259
10	2,31	1,225
16	3,49	1,032
29	1,93	1,080

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	2,847	1,927	3,710	1,782	1,925	,580	6
Variância dos itens	1,225	,975	1,585	,610	1,626	,065	6

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
2	13,37	16,235	,559	,409	,765
4	13,70	17,637	,400	,237	,798
8	14,81	14,441	,617	,488	,751
10	14,78	14,233	,670	,579	,736
16	13,60	16,565	,512	,345	,776
29	15,16	15,943	,558	,424	,765

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
17,08	21,926	4,682	6

Anexo XIV. – FACTOR 4: PROCURA DE APOIO ESPIRITUAL.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,850	,847	4

Estadísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
14	2,83	1,335
23	2,62	1,307
27	1,92	1,118
30	3,87	1,258

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	2,814	1,925	3,874	1,949	2,013	,650	4
Variância dos itens	1,581	1,250	1,783	,533	1,426	,055	4

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
14	8,42	9,134	,808	,724	,754
23	8,63	9,209	,822	,741	,748
27	9,33	11,731	,581	,394	,851
30	7,38	11,121	,564	,352	,861

* Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
11,26	17,436	4,176	4

Anexo XV. – FACTOR 5: AVALIAÇÃO PASSIVA.**Consistência Interna**

Alpha de Cronbach		
Alpha de Cronbach	baseado nos Itens estandardizados	Nº itens
,590	,592	4

Estatísticas dos Itens

Item	Média	Desvio Padrão
12	3,03	1,328
13	3,56	,990
19	3,35	,980
20	3,68	1,016

Síntese das Estatísticas dos Itens

	Média	Mínimo	Máximo	Amplitude	Máximo / Mínimo	Variância	Nº de Itens
Média dos itens	3,407	3,035	3,677	,642	1,212	,080	4
Variância dos itens	1,185	,961	1,764	,803	1,836	,150	4

Estatísticas descritivas e coeficiente de fidelidade item-total

Item	Média da Escala*	Variância da Escala*	Correlação Item-Total	Quadrado de Correlação Múltipla	Alpha de Cronbach*
12	10,59	4,393	,420	,186	,485
13	10,06	5,632	,402	,166	,499
19	10,28	6,152	,285	,083	,579
20	9,95	5,558	,398	,159	,500

*Eliminando o próprio item.

Totais do factor

Média	Variância	Desvio Padrão	Nº itens
13,63	8,499	2,915	4

Anexo XVI. – Valores normativos para escala total

N	372
Média	93,87
Mediana	95,00
Moda	98
Variância	199,302
Desvio Padrão	14,117
Assimetria	,188
Erro Padrão da Assimetria	,126
Curtose	-,081
Erro Padrão da Curtose	,252
Minímo	59
Máximo	141

Anexo XVII. – Teste T-student, análise da média e da variância quanto ao género

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-T para igualdade de médias						
		F	Sig.	t	df	Sig. (bilateral)	Diferença de média	Erro Padrão da Diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Mínimo	Máximo
TOTAL F-COPES	Igualdade de variâncias assumida	1,320	,251	-2,667	370	,008	-4,151	1,556	-7,212	-1,090
	Igualdade de variâncias não assumida			-2,573	211,808	,011	-4,151	1,613	-7,331	-,971